

O SERTÃO DAS RELIGIÕES: O CASO DE CANUDOS

José Artur Tavares de Brito (Artur Peregrino)¹

O passado resiste à mudança, pois a tradição é sagrada em essência. O novo deve, portanto, se inserir no velho sem destruí-lo (BASTIDE, 1985, p. 463).

Em geral, o passado não é destruído, mas transformado (VELHO, 1999, p. 126).

Resumo

Visto sob o prisma antropológico cultural, o catolicismo vivido em Canudos apresenta uma prática religiosa com os pés no chão. Antônio Conselheiro e Canudos foram uma resposta concreta a situação vivida no sertão do final do século XIX. O fato de Canudos ter resistido até o fim, sem se entregar, comprova o grau de convicção da comunidade de Antônio Conselheiro. A fé popular vivida em Canudos era um alimento que garantia a resistência na terra. Só o poder da fé, faria aquela gente proceder daquela forma. Os militares republicanos destruíram Canudos. Mas, Canudos venceu. Por várias vezes derrotou as expedições militares. Várias vezes, demonstrou superioridade e tática militar. A batalha final, que destroçou e incendiou Canudos foi um ato de covardia, um crime histórico monstruoso.

Palavras-chave: Catolicismo popular. Canudos. Sertão.

1 EVITANDO UMA PERSPECTIVA INGÊNUA

Faz um tempo eu dizia em uma reunião de professores universitários que, ao contrário do que parece acontece em nossos dias, nada mais monótono e repetitivo do que as notícias do aparente transmoderno no mercado econômico. Dizia que vivemos um período de espetacularização e de ideologização. A ideologia pertence

¹ Mestre em Antropologia Cultural pela Universidade Federal de Pernambuco (1999). Possui Licenciatura e Bacharelado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (1995/1996); graduação em Teologia pelo Instituto de Teologia do Recife (1987). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia da Religião, atua principalmente nos seguintes temas: teoria da complexidade, antropologia urbana, sistemas simbólicos, ritualidade, catolicismo, terra, sertanejo, contemporaneidade, religião, cidade e pastoral. É integrante do grupo de pesquisa Religiões, Identidade e Diálogos, na linha de pesquisa Diálogos inter-religiosos. Atualmente pertence ao quadro Docente da Universidade Católica de Pernambuco.

ao mundo dos escondido e do implícito. Sendo assim uma área nem sempre percebida com clareza pelo grande público.

Ao contrário, nada mais dinâmico, mais imprevisível, mais negador de todas as notícias em contrário e de quase todas as previsões das ciências do passado recente, do que a religião. Pense comigo. É bem verdade que ainda vivemos um mundo onde o gesto acidental do Dalai Lama do Tibete pode fazer mais efeito humano sobre as pessoas do que todas as frases de efeito dos diretores de banco centrais e presidentes de potências mundiais.

Trataremos o tema do Movimento de Canudos acontecido no sertão da Bahia na última década do século XIX. O movimento de Canudos lembra os movimentos chamados “heréticos”, acontecidos na Idade Média (séc. XII ao séc. XV). Marcada por um clima de grande efervescência social contra a ordem feudo-clerical, a chamada baixa Idade Média é também a expressão de múltiplas formas de resistência dos pobres e dos seus aliados: intelectuais libertários, perseguidos pela inquisição como hereges e bruxas.

Com o propósito de se fazer um exercício analógico entre experiência libertárias de ontem e hoje, aqui são recuperados traços do movimento de Canudos que lança luz para outros movimentos no avançar do terceiro milênio. Como pesquisador me vejo convidado a recorrer à história - de modo crítico, naturalmente – investigando o material trabalhado pelos vencedores.

É necessário rever a história de Canudos. A prática religiosa de Canudos lança luz sobre a história e a luta do povo sertanejo de várias religiões do Brasil.

2 CANUDOS: A CANAÃ DO SERTÃO

Em 1893 foi iniciada a formação da cidade comunitária de Canudos. Os camponeses descobriram na pregação do Conselheiro um chamado para mudar a situação e um apelo para construir uma comunidade sem exploradores e explorados, onde a vontade do povo fosse respeitada. Chegavam a Canudos famílias que vendiam ou que deixavam suas pequenas propriedades, ex-escravos, indígenas e sertanejos que corriam do sofrimento. Chegando a Canudos, logo encontravam aconchego. Não faltavam mutirão, comida e reza. Rapidamente a comunidade foi crescendo e em poucos anos se tornou uma das maiores do

Nordeste. Tinha 25.000 (vinte e cinco mil) habitantes, chegando a ser a maior cidade do estado da Bahia depois da capital Salvador.

A pregação do Conselheiro insistia em dizer que a terra tem um dono só. Se a terra é dom de Deus, os camponeses podiam ocupá-las. Inspirados nesses preceitos divinos e nas necessidades concretas do povo, os camponeses iniciaram a ocupação das terras, até então improdutivas e abandonadas. Assim se expressou o historiador Edmundo Moniz:

Canudos era uma velha fazenda abandonada com palhoça de pau-a-pique, à margem do Vasa-Barris ou Ipapiranga, quando Antônio Conselheiro aí chegou em 1893. Ali, os fiés podiam construir o seu lar, sem se sujeitarem aos caprichos das autoridades policiais nem dos grandes proprietários de terra (MONIZ, 1988, p.43).

E a tentativa de criação de uma comunidade igualitária em uma terra livre no sertão da Bahia logo atraiu a ira dos latifundiários da região que viviam explorando os camponeses. De fato, seria muito perigoso para eles se as idéias do Conselheiro se espalhassem pelos sertões e surgissem outros Canudos. Daí a decisão de acabar com Canudos foi compartilhada pelos fazendeiros, pelo governo e pelos militares, com a benção da Igreja na época.

A experiência de Canudos foi taxada de anti-republicana, mas não correspondia à realidade dos fatos. Na realidade, à República já nasceu apodrecida pela erva daninha da injustiça e da desigualdade social. A questão da terra ficou sempre intocável, tanto no Império como na República. O movimento iniciado por Antônio Conselheiro antecede à República, pois desde 1874 o beato Conselheiro percorria todo o sertão, tendo sido, inclusive, perseguido duramente pelo Império. O que o beato Antônio Conselheiro percebe é que a situação dos pobres do campo continua sem alteração.

A idéia básica, na experiência de Canudos, foi viver o comunismo dos Atos dos Apóstolos. Com certeza, ninguém em Canudos leu Marx ou Engels, mas viviam na inspiração do cristianismo primitivo e nos anseios das massas camponesas.

Canudos ficava num cenário que lembrava as paisagens descritas na Bíblia: uma região árida repleta de caatingas, rodeada por cinco serras ásperas e atravessada por um rio, o Vaza-Barris. Os caminhos eram difíceis e traiçoeiros. A vegetação era pobre e espinhenta, formada por mandacarus, xiquexiques, macambiras, catumbis, juás, palmatórias, quixabas, baraúnas, favelas, etc. As serras

Canabrava, Cocorobó, Calumbi, Cambaio, e Caipã envolviam o espaço num “abraço” natural.

Canudos tornou-se um oásis no sertão do norte da Bahia e, rapidamente, cresceu em importância econômica e social. Canudos passou a exercer, dentro de pouco tempo, uma forte atração sobre os sertanejos e sertanejas mais humildes. Dirigia-se para lá, gente de todo o sertão baiano e de alguns estados do Nordeste. Eram pessoas que vendiam seus recursos como gado e terra. A presença indígena em Canudos é um dado real, pois existia presença de índios de Miradela e Rodela. Tudo indica que os índios presentes em Canudos eram da nação Kiriri. A presença de negros era o dado mais revelador de que em Canudos se juntavam pretos “libertados” pela Lei Áurea como também outros marginalizados: doentes mentais, aleijados, e incapacitados. A composição social de Canudos era muito heterogênea. E essa heterogeneidade que compunha a sociedade estabelecida em Belo Monte teve “um cimento unificador” (CABRAL, 1985, p. 24).

Em Canudos se formava opinião. Aos poucos ia sendo criada uma visão de mundo. Após o trabalho diário, todos os que quisessem, se reuniam diante das igrejas para participar das celebrações comunitárias.

À medida que Canudos crescia, foram definidas algumas funções especiais que Conselheiro atribuiu a pessoas de sua confiança: João Abiade recebia os recém-chegados e coordenava os mutirões; Antônio Beato era o “repórter” de Canudos; Maria Francisca e Marta Figueira eram professoras; Timóteo era o sineiro; Manuel Quadrado era encarregado da saúde; Pajeú era o comandante militar encarregado de defender a cidade; Antônio Vila Nova guardava as armas e munições.

A história do grande acontecimento que foi Canudos, a luta de Antônio Conselheiro e sua gente foi a resistência na terra. E para isso o povo encontrou um jeito, um modo que contrariava o jeito dominante na época. Para isso lutou contra todo o poder opressor até as últimas consequências. O fato de Canudos ter resistido até o fim, sem se entregar, comprova o grau de convicção da comunidade de Antônio Conselheiro. A fé popular vivida em Canudos era um alimento que garantia a resistência na terra. Só o poder da fé, e a fé religiosa, fazia aquela gente proceder daquela forma. De fato, em Canudos existia um Catolicismo Popular com um chão bem concreto. Em Canudos houve uma experiência concreta de Comunidade

Eclesial de Base, como chamamos hoje. E por que não dizer que Canudos foi uma experiência bem sucedida de Reforma Agrária, se foi um assentamento que deu certo?

A produção e comercialização estavam na pauta do dia em Canudos. Toda a organização era para, principalmente, suprir as necessidades da comunidade. Uma das fontes de renda da comunidade era a venda de peles de cabra, que a República exportava, inclusive. A importância da cabra na economia de Canudos era decisiva porque dava o alimento leite carne e o couro, para roupas e sapatos. O excedente vendia-se aos comerciantes que o levavam para Salvador e, diante disso, o couro de cabra chegou a ser um dos mais importantes produtos de exportação da economia baiana. Com isso podemos ver o quanto o jeito do povo se organizar representava uma resposta inteligente para enfrentar as dificuldades da época. De fato, “dentro do quadro de suas limitações, o homem mesmo cria seu jeito de agir ou de esquivar-se e assim demonstra o que ele é e quer ser e como escrever a continuação de sua história” (LEERS, 1982, p. 15). O fato histórico **A Guerra de Canudos** articulado às feições camponesas, em torno de um líder carismático nos sertões da Bahia, no último quartel do século XIX, enseja um conjunto de reflexões que não só cria condições para se (re) pensar a questão camponesa no Brasil, como também serve de trilha por onde se penetra nas redes de poder, quer na perspectiva das representações simbólicas (ideologia e mentalidade), quer a partir das estruturas de dominação constitutivas da sociedade brasileira.

Podemos perceber que na experiência de Canudos se plasmou o embrião de uma História de Libertação. Uma história cujo conteúdo está impregnado em seu seguidor, cujas verdades foram trabalhadas em sintonia com o tempo, cujos valores não se deixaram mascarar pelo discurso enganador da elite republicana e do Frade Capuchinho João Evangelista de Monte-Marciano².

² A pedido do governador Rodrigues Lima, o Arcebispo, D. Jerônimo Tomé, envia uma missão de frades capuchinhos ao Belo Monte para tentar, por meios persuasivos, a dissolução do povoado. O chefe da missão, frei João evangelista de Monte Marciano, contou em minucioso relatório o malogro de sua tarefa nada cristã, no mês de maio de 1895.

3 EM CANUDOS: “A RELIGIÃO SERVE PARA DESENDROIDAR AS PESSOAS”

A religião vivida no Sertão de Canudos foi uma resposta de superação a dialética do Senhor e do escravo. Usando a expressão de João Guimarães Rosa em *Grandes Sertões Veredas*: “a religião serve para desendroidar as pessoas”, quero dizer que a experiência de Canudos foi exemplar nesse sentido. A religião praticada em Canudos correspondeu a um tipo especial de linguagem. Igualmente como qualquer outra linguagem, foi criada pelo ser humano e todos seus símbolos guardam relação com a vida prática do ser humano, isto é, com as condições em prol de sua humanização e sobrevivência. A experiência religiosa de Canudos deu esse exemplo.

A análise de situações concretas nos possibilita trabalhar na perspectiva dialética que é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.

O Movimento de Canudos criou um fato novo no coração do sertão: a partir da tradição brasileira de liderança religiosa leiga, cria uma comunidade sem exploradores e explorados - sem senhores e sem escravos. A experiência vivida pelo povo de Canudos era de tal grandeza que um dos senhores da época, o Barão de Geremoabo, se queixa publicamente do Conselheiro.

O movimento de Canudos, como vemos, criou um estado de liberdade e independência. Com Canudos temos a dissolução da dominação senhorial. Na verdade, a experiência de Canudos oferecia à massa camponesa uma possibilidade real de escapar da dominação dos grandes proprietários rurais. Os camponeses e camponesas criaram uma possibilidade real de escapar da dominação econômica, política e religiosa, refugiando-se no Arraial do Belo Monte. E isso representa para a República nascente uma ameaça semelhante a dos quilombos para a dominação escravista: não é o número de adeptos que coloca em perigo a classe dominante, mas o seu exemplo. Camponeses que, insubmissos, superam a dialética do senhor e do escravo. Quebra-se uma mentalidade de submissão à dominação senhorial.

Nascemos para ser livres ou dependentes? Na realidade humana queremos a proteção, mas queremos ficar independentes. Num primeiro momento queremos uma proteção, e, num segundo queremos a liberdade que nos lança novamente no cultivo de uma nova proteção. É assim que é o ciclo natural do nascimento.

Vejamos, por exemplo, uma criancinha no ventre da mãe, ela se envolve dentro de uma proteção, a placenta, chega a rompê-la para sair para a liberdade, mas necessita de uma proteção. A liberdade é um desafio.

Assim também foi nos séculos II e III quando a *polis* grega entra em crise. Os gregos deixam a *FISIS* (natureza) e procuram a *POLIS* (cidade) como o lugar de proteção. No entanto, em seguida a cidade não é mais um lugar tranquilo.

No tempo do Conselheiro, como ainda hoje, existia uma cultura do senhor e do escravo. A experiência secular de escravidão deixou as populações na dependência generalizada. Dependência tal que, de fato, alguns tinham dificuldades de romper com o esquema da submissão.

A proposta pregada por Antônio Conselheiro de buscar proteção em Deus e não nos poderosos deste mundo fez com que se lutasse em favor de uma ordem social justa. Em torno da proposta de Canudos, os camponeses e as camponesas reagiram contra a República, símbolo concreto da ordem social imposta pela burguesia agrária. É a partir da Proclamação da República que a reação camponesa se expressa mais fortemente como movimento de protesto social. O povo camponês percebe que a proteção junto aos coronéis é falsa. Por conseguinte, é junto ao Conselheiro e sua gente que se encontra a verdadeira proteção. É lá que se encontra liberdade. Os cristãos costumam dizer que “aquele que usar o caminho do bem segue a liberdade”. Ora, a experiência de liberdade em Canudos era uma coisa fantástica. O próprio Conselheiro cita Santo Agostinho, que diz: “*Ama et fac quod vis*” (ama e fazes o que queres).

Fundamentalmente, a dialética do senhor e do escravo foi superada porque a comunidade de Canudos possuía um sistema de produção e distribuição, onde tudo era de todos. Praticava-se uma experiência socialista, tudo ali era comum, todos os bens que produziam pertenciam à comunidade e cada um recebia o que necessitasse. Romperam as relações com o regime latifundiário, não havendo ali senhores e escravos.

Canudos preconizava uma produção coletiva, caracterizada por um trabalho comunitário e distribuição dos produtos da terra. O trabalho não era expropriado do camponês nem este era divorciado de seus instrumentos de trabalho, particularmente da terra.

Nesse sentido, uma das grandes contribuições de Marx e de Engels foi precisamente o de terem descoberto que a sociedade se organiza de acordo com a forma como os homens produzem os bens materiais, ou mais precisamente, segundo as relações de produção que se estabelecem no processo de produção e que são estas relações que mudam de um tipo de sociedade para outro. Naturalmente surgem novas regras nas relações, o que cria uma ideologia originária do chão onde se radicam sua teoria e sua prática no mundo.

4 TIRANDO UMA CONCLUSÃO

Canudos foi além daquilo que fizeram de si. E ir além daquilo que fizeram de si significa certamente empenhar-se na construção de um mundo, onde a solidariedade e a justiça sejam os valores que normatizam a convivência.

O culto da tolerância e do amor reinou em Canudos. Lá, aconteceu a “humanidade em solidariedade universal” (OLIVEIRA, 1985, p. 68). E a materialização histórica desta forma de vida nos é dada pelas aspirações objetivas manifestadas pelo projeto existencial do povo de Canudos.

O princípio que norteou a relação pessoa-terra foi a integralidade. A terra para a população de Canudos era bem mais que um simples meio de produção ou mera fonte de lucro, riqueza e poder. A terra, em Canudos, não era para concentrar ou especular. Era sim o espaço de vida em suas diversas formas. Era o sinal maior da interdependência e da comunhão entre os seres vivos. Existia uma “consciência ética” que significa abertura para se escutar a voz-do-outro. Consciência que se abre num processo de humanização e que se abre cada vez mais ao que é exterior a ela, tendo critérios de discernimento. A afirmação do outro enquanto outro possibilitou a negação da dialética do senhor e do escravo. Outro princípio é o da gratuidade. Antes de a terra ser dos humanos, ela pertence a si mesma e a seu criador, como nos diz o próprio Conselheiro: “A terra não tem dono, a terra é de Deus, e como tal, deve ser conservada”.

Canudos era um oásis no deserto da fome brasileira: ali não havia miséria de espécie alguma. E essa condição humana foi possível porque houve, de fato, o que poderia ser chamado de reforma agrária de origem popular. Os oprimidos reunidos em Canudos emergiram de um submundo ao qual estavam submetidos. Houve uma

libertação integral porque “a libertação” aconteceu em etapas que foram se dando durante todo o processo. E com certeza, o Conselheiro juntaria seu anseio, praticado em Canudos, com a reflexão feita por um outro cearense chamado Hélder Câmara:

A meta por alcançar é a de um ser humano livre e consciente, numa progressiva libertação de mil servidões, para que possa crescer sua liberdade fundamental: ser livre até poder libertar-se de si mesmo e poder dar-se aos outros (CÂMARA *apud* BOFF, 1984, p. 24).

Na experiência de Canudos só se podia organizar a terra com Deus. “Só Deus é grande”, pregava o Conselheiro. E, em nome dele, se organizou a economia, a vida social e a vida política. A convicção da comunidade de Canudos veio pelo poder da fé. Só o poder da fé, e fé religiosa, fazia aquela gente proceder daquela forma; coerentes e íntegros. O humanismo de Canudos não foi exclusivo, pois se assim fosse seria desumano. O humanismo de Canudos foi aberto ao outro, ou como se diz na teologia, ao totalmente OUTRO. É nesse sentido que Canudos foi além de si.

THE SERTÃO OF RELIGIONS: THE CASE OF CANUDOS

Abstract

Seen through the anthropological cultural prism, the Catholicism that was lived in Canudos presents a religious practice that kept its feet on the ground. Antônio Conselheiro and Canudos were a concrete response to the situation lived in the Northeast Sertão in late nineteenth century. The fact that Canudos resisted until the end, without surrender, shows Antônio Conselheiro's conviction degree. The popular faith that was present in Canudos was the food that guaranteed resistance on that land. Only the power of faith would allow that people to continue that way. The republican militaries destroyed Canudos. But Canudos won. It defeated the military expeditions several times. It showed superiority and military tactics several times. The final battle which shattered and burned Canudos down was an act of cowardice, a monstrous historic crime.

Keywords: Popular catholicism. Canudos. Sertão.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marcelo. PEREGRINO, Artur. **A festa dos Pequenos**: Romarias da Terra no Brasil. São Paulo: Paulus, 1996.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. 2. ed. São Paulo: Editora: Pioneira, 1985. 567p.

BOFF, Leonardo. **Do Lugar do Pobre**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **O cimento religioso e a consolidação de Canudos**. Trabalho apresentado ao professor Ariano Vilar Suassuna, titular da cadeira de História da Cultura Brasileira na UFPE, 1985.

COMBLIN, José. **Padre Ibiapina**. Coleção Homens e Mulheres do Nordeste. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. 32 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13 ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1984.

HOORNAERT, E. **Formação do Catolicismo Brasileiro**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

MONIZ, Edmundo. **A Guerra Social de Canudos**. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 1978.

_____. **A Luta pela Terra**. 6ª Edição. São Paulo: Ed. Global, 1988.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe, gênese, estruturação e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

PEREGRINO, Artur. **A Voz do Sangue que Clama da Terra**: 500 Anos da Evangelização e a Terra Cativa. Recife: Mimeo, 1992.

TEIXEIRA, Faustino (Org.) **A (s) Ciência (s) da Religião no Brasil**. A formação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

VELHO, Otávio Guilherme. **Capitalismo autoritário e campesinato**: um estudo comparativo a partir das fronteiras em movimento. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 1979, 243 p.